Noites infindas...

Olho para os ponteiros do relógio de parede,

E percebo que eles marcam a proximidade das três horas da madrugada.

Sem sono, pego o celular e começo a escrever,

Sem saber direito o que pretendo dizer.

De uns tempos pra cá,

A vida tem se apresentado vagarosa, monótona...

A minha esposa, amável companhia de todas as horas,

faleceu.

E as noites parecem que faleceram juntas...

A Dona Maria, minha vizinha há mais de doze anos,

faleceu.

Ela morava sozinha, e não aparentava mais a mesma alegria,

depois que “Manel”, seu filho único,

faleceu.

Dona Maria criava muitas galinhas, e muitos gatos.

À noite, parece que os gatos escolhiam para namorar,

Eles faziam um barulho danado, com miados prolongados,

lancinantes...

Depois do barulho dos gatos, vinha o barulho das galinhas,

Anunciando um novo alvorecer.

O galo reinava absoluto.

Vez por outra, batia as asas e cantava,

Como a querer demarcar o seu território...

Hoje a casa da Dona Maria está vazia, vive fechada...

O dono de uns apartamentos próximos comprou o imóvel para fazer garagem...

Já não ouço mais o miado prolongado dos gatos namorando.

O barulho das galinhas e do galo cacarejando, também cessou...

A escuridão e o silêncio prevaleceram, inibindo o rebuliço da vida.

O quarto de casal, onde vivi momentos inesquecíveis, perdeu o aconchego,

Na ausência da mulher virtuosa que suavemente me ladeava.

E a cama, onde a felicidade tantas vezes transbordou, está fria...

Parece grande demais pra mim...